

# A agonia do bosque

**Os besouros que infectam seus enormes jequitibás, o crescimento da área urbana e a conduta inadequada de visitantes já provocaram a perda de 15% e a extinção de 48 espécies de árvores remanescentes da Mata Atlântica no Bosque dos Jequitibás**

NADIA MARIA PÉREGO

O Bosque dos Jequitibás, patrimônio que preserva intactas espécies de plantas originárias da região de Campinas, já perdeu, nos últimos 28 anos, mais de 15% de suas árvores nativas. Em 1979, foram catalogados 1.826 exemplares, nativos no local, volume que caiu para 1.541 numa recontagem realizada pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) no ano passado.

Além dos problemas de degradação provocados pelos visitantes e da proximidade com o centro urbano, as espécies do bosque sofrem ainda com uma doença provocada por besouros, que ataca preferencialmente os jequitibás que deram nome ao local. Estima-se que 12 jequitibás já morreram e outros dez espécimes apresentem sintomas da doença.

Mas o Bosque dos Jequitibás não é a única área atingida pelo besouro: seis dos 159 pontos de Mata Atlântica presentes em Campinas também apresentam o problema. A doença atinge exemplares das matas do Quilombo, Santa Genebrinha, Residencial Rio das Pedras e as áreas públicas conhecidas por Mata Santa Elisa e Mata Santa Genebra. A espécie mais prejudicada é o jequitibá-branco, embora árvores como o jacarandá, cabreúva, araribá, peroba, capinxigui e pindaíba, que chegam a medir mais de 20 metros de altura, perecem em até quatro meses depois de infectadas.

Segundo o engenheiro agrônomo Tiago Borges Conforti, da Fundação José Pedro de Oliveira, integrante do grupo de pesquisadores que há três anos vinha estudando o problema no Bosque dos Jequitibás, a equipe foi desfeita com a posse da atual administração municipal. "Os profissionais foram remanejados para outros setores. Hoje a Fundação estuda e avalia a situação na Mata de Santa Genebra, onde acompanha o ciclo de vida do inseto e dos fungos envolvidos, além de monitorar o Bosque".

De acordo com a coordenadora do Bosque dos Jequitibás, Eliana Ferraz, que trabalha há dez anos no local, a recomendação da Fundação para retirar as árvores mortas foi cumprida visando não prejudicar outros exemplares. "Ao todo, foram retirados sete jequitibás que representavam risco ou estavam

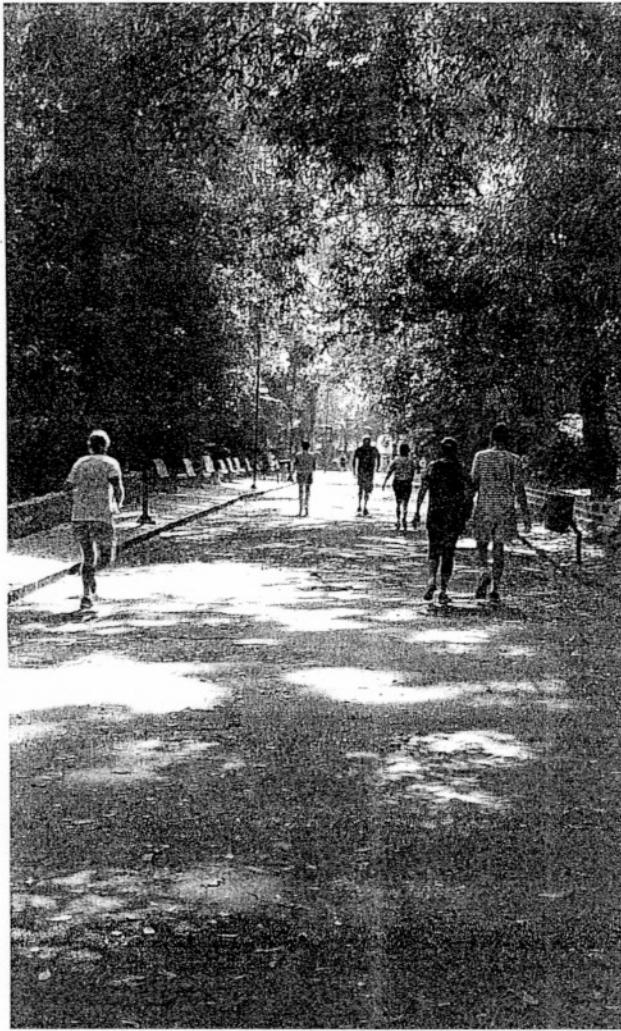


FOTO: NADIA MARIA PÉREGO

No bosque, restam 103 das 151 espécies catalogadas em 1979

acessíveis. As árvores mortas que não apresentavam ameaça não foram removidas, pois são espécies grandes e acabaríamos matando as árvores menores que ficam em volta delas", esclarece a coordenadora.

As pesquisas da Fundação José Pedro de Oliveira apontam que a doença tem atingido apenas a área nativa do Bosque. O besouro deposita as larvas e o fungo dentro do tronco, onde as larvas criam galerias que bloqueiam o sistema condutor de seiva (água e nutriente) e provocam a morte dessa árvore, que começa a secar de cima para baixo. Depois de adulta, as larvas deixam a árvore doente e elege outra onde procriar.

Conforti afirma que situações semelhantes, provocadas por besouros da mesma família dos que têm causado a doença nas matas de

Campinas, também ocorreram na década de 80 no Japão, onde os pesquisadores relacionaram o problema ao aumento da temperatura. "Em 1988 foi registrado no Japão um aumento de 0,08 grau na temperatura. É possível que esse aumento tenha feito o número desses insetos aumentar nas florestas, mas ainda não é possível afirmar que o mesmo esteja acontecendo nos remanescentes de Mata Atlântica da cidade", diz o agrônomo.

Conforti avalia que a morte das espécies nativas tem acontecido em larga escala com maior ênfase no Bosque dos Jequitibás, o que compromete o equilíbrio do ecossistema local. "À medida que um conjunto de grandes árvores morre ao mesmo tempo, altera-se a composição da floresta à sua volta", explica o agrônomo.

## Isolamento dificulta polinização

O Bosque dos Jequitibás, que recebeu esse nome devido ao volume de jequitibás de grande porte que abrigava, está entre os 5% que restaram da área que era coberta pela Mata Atlântica, já considerada a segunda maior floresta tropical do país. De acordo com a pesquisa realizada em 2005 pelo IAC, das 151 espécies de árvores nativas catalogadas em 1979 pelo pesquisador Luiz Matthes, também da instituição, apenas 103 foram registradas na última pesquisa, indicando o desaparecimento de 48 espécies.

Para o biólogo do IAC, José Ataliba Mantelli Aboin Gomes, que realizou a pesquisa no local em 2005, o isolamento imposto pelo crescimento da cidade à mata tem enfraquecido as espécies. "Quando cercadas pelos centros urbanos, as matas ficam isoladas, o que dificulta a polinização, fazendo com que as árvores fiquem sujeitas a vários fatores negativos, como a perda da diversidade", aponta o biólogo.

Gomes explica ainda que a má conduta dos visitantes, a presença de animais domésticos, além de cotias e bugios, agravam a situação do Bosque dos Jequitibás. "Muitos visitantes saem das trilhas demarcadas e acabam entrando na mata, destruindo as plantas pequenas", aponta.

Se as espécies nativas do Bosque têm diminuído, o mesmo não está ocorrendo com as plantas exóticas: enquanto a primeira pesquisa registrou três espécies de plantas exóticas na área de vegetação nativa, a segunda pesquisa encontrou doze espécies. De acordo com Gomes, o aumento de plantas exóticas também é uma ameaça às espécies nativas. "O Bosque corre o risco de se transformar, futuramente, em apenas um jardim com grandes árvores", adverte.